

# O GEOMITO DAS CATARATAS DO IGUAÇU: O GEOPATRIMÔNIO SOB O OLHAR DOS SABERES POPULARES E GEOCIENTÍFICOS

José Rafael Vilela da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo de natureza teórica tem por objetivo discutir o processo de formação das Cataratas do Iguaçu a partir da correlação entre dois pontos de vistas distintos, o do olhar mítico, advindo das lendas e mitos de origem indígena, e, o do olhar científico, desenvolvido a partir de estudos científicos sobre este local. Foram adotados procedimentos metodológicos de revisão bibliográfica e análise documental sobre os mitos e as lendas envolvendo a formação das Cataratas do Rio Iguaçu, que permitiram a comparação e a correlação entre os diferentes olhares e apreensões sobre o geopatrimônio. Esta pesquisa resultou na compreensão das formas de apreensão dos elementos da geodiversidade e do geopatrimônio e na demonstração da importância do diálogo entre as interpretações formuladas por ambos saberes. Conclui-se que o diálogo profícuo na interface entre conhecimentos populares e científicos é enriquecedor e contribui para uma visão holística da natureza em sua geodiversidade.

**Palavras-chaves:** Geomitologia, Geodiversidade, Paisagem.

## THE GEOMITE OF THE IGUAÇU FALLS: GEOPATRIMONY FROM THE POINT OF VIEW OF POPULAR AND GEOSCIENTIFIC KNOWLEDGE

**Abstract:** This theoretical article aims to discuss the formation process of the Iguaçu Falls from the correlation between two distinct points of view, the mythical view, arising from legends and myths of indigenous origin, and the scientific view, developed from scientific studies about this place. The methodological procedures adopted were bibliographic review and document analysis about the myths and legends involving the formation of the Iguaçu River Falls, which allowed the comparison and correlation between the different views and apprehensions about the geopatrimony. This research resulted in the understanding of the ways of apprehension of the elements of geodiversity and geopatrimony and in the demonstration of the importance of the dialogue between the interpretations formulated by both kinds of knowledge. We conclude that the fruitful dialogue at the interface between popular and scientific knowledge is enriching and contributes to a holistic view of nature in its geodiversity.

---

<sup>1</sup>Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Geografia UEL. E-mail: joseraffael12@gmail.com

**Keywords:** Geomithology, Geodiversity, Landscape.

## INTRODUÇÃO

Lendas e mitos povoam a história da humanidade desde os tempos mais remotos, em muitos casos criados para explicar fenômenos e eventos presentes no cotidiano, a partir de interpretações e visões de mundo eivadas de linguagens poéticas, imaginárias e ficcionais, livres do compromisso de retratar a realidade como ela é de fato. Neste sentido, como destaca Ponciano (2015, p.25) “[...] a mitologia é a arte da livre representação e recriação da realidade”, e apresenta-se como uma das diversas formas encontradas pelos seres humanos para pensar o mundo e realizar a sua leitura da realidade.

Na história da humanidade, a natureza dos mitos e lendas se consolidaram como narrativas direta e indiretamente relacionadas aos fenômenos e processos naturais de âmbito geológico e geomorfológico. Ao revisitar várias histórias e mitos criados por diferentes povos por meio da análise documental, percebemos que alguns destes mitos foram criados e reproduzidos “para explicar a origem e o funcionamento do universo e do planeta Terra, além de questões que envolvem a evolução dos seres vivos e a nossa relação com vários outros elementos da Natureza” (PONCIANO, 2015, p.25). Assim, eventos geológicos e geomorfológicos como a erupção de vulcões, terremotos, maremotos, a formação de cadeias montanhosas e quedas d’água, acabaram por ganhar destaque em diversas lendas e mitos criados por diferentes povos e transmitidos sobretudo oralmente (PONCIANO, 2015).

Por sua vez, os mitos e lendas relacionados aos eventos e processos geológicos e geomorfológicos podem ser denominados de geomitos, os quais são abordados pela geomitologia, termo cunhado por Dorothy Vitaliano (1973) em sua obra “*Legends of the Earth: their geologic origins*”, o qual, segundo Mayor (2004, p.1), refere-se ao “study of etiological oral traditions created by pre-scientific cultures to explain - in poetic metaphor and mythological imagery - geological phenomena such as volcanoes, earthquakes, floods, fossils, and other natural features of the landscape.”. De acordo com Fernandes (2010), a geomitologia é resultante das associações feitas entre diversos eventos geológicos e a incapacidade de explicação metódica, levando as pessoas a comporem lendas e histórias, “através de metáforas poéticas e do imaginário mitológico” (FERNANDES, 2010, p.1), na tentativa de explicar tais eventos aparentemente inexplicáveis.

Como destaca ainda Fernandes (2010, p.3) “os geomitos podem ser motivo de uma pesquisa científica estimulante, unindo aspectos diversos das ciências em geral”. Neste sentido, estimulados por compreender mais sobre este promissor campo de estudos (MESQUITA *et al.*, 2011) e tomando por objeto de estudo o reconhecido geopatrimônio das Cataratas do Iguaçu, este trabalho promove o diálogo de saberes e a comparação e correlação entre dois pontos de vistas distintos, ambos envolvendo o processo de formação das Cataratas do Iguaçu, quais sejam, o do olhar mítico advindo das lendas e mitos de origem indígena, e, o do olhar científico, desenvolvido a partir de estudos científicos.

Para a realização deste trabalho teórico adotamos uma metodologia de caráter qualitativo e interpretativo na qual adotamos os procedimentos de revisão bibliográfica acerca dos conceitos centrais trabalhados como: geomitos, geomitologia (VITALINO, 1973; MAYOR, 2004), geopatrimônio (BENTO *et al.*, 2017) e geodiversidade (GRAY, 2004). Realizamos uma análise documental sobre o mito e lenda indígena envolvendo a formação das Cataratas do Rio Iguaçu em suas diferentes versões e apresentamos

uma síntese, buscando estabelecer critérios e aspectos para a comparação e a correlação entre as duas visões e apreensões sobre o geopatrimônio das Cataratas do Iguaçu, a mítica e a científica. Cabe ressaltar que neste processo prezamos pelo diálogo entre os saberes populares e científicos, de forma que estes possam ser vistos enquanto complementares e não excludentes, pois estes revelam visões distintas de mundo e da realidade, e ambas possuem suas limitações frente à totalidade.

Os resultados deste trabalho foram organizados em três seções. A primeira, “Lendas e mitos sobre a formação das Cataratas do Iguaçu”, apresenta uma síntese do mito indígena de formação do geopatrimônio, e como o evento relacionado a sua formação foi explicado pelos saberes e visões populares. A segunda seção, “Explicações científicas sobre a formação das Cataratas do Iguaçu”, aborda algumas das principais explicações científicas sobre o processo de formação das Cataratas do Rio Iguaçu. A última seção, “Diálogos entre os saberes mítico e científico: distintos olhares e valores sobre o geopatrimônio”, propõe o diálogo de saberes sobre o processo de formação das Cataratas do Iguaçu, apresentando os diversos olhares e valores sobre esse geopatrimônio no intuito de alcançar uma visão mais holística da natureza e de sua geodiversidade.

## LENDAS E MITOS SOBRE A FORMAÇÃO DAS CATARATAS DO IGUAÇU

Muito tempo antes dos portugueses e espanhóis chegarem na região onde, atualmente, localiza-se o estado do Paraná, e, mais especificamente, a região da foz do rio Iguaçu, esta área já se encontrava habitada por tribos e grupos indígenas de diferentes etnias, entre elas os Guaranis e Kaingangues (SANTOS, 2016), os primeiros a conhecerem as Cataratas do Rio Iguaçu. O contato com este patrimônio da natureza, que encanta a todos por seu valor estético e sua beleza cênica, levou estes povos a buscar formas próprias para explicar os processos de sua formação.

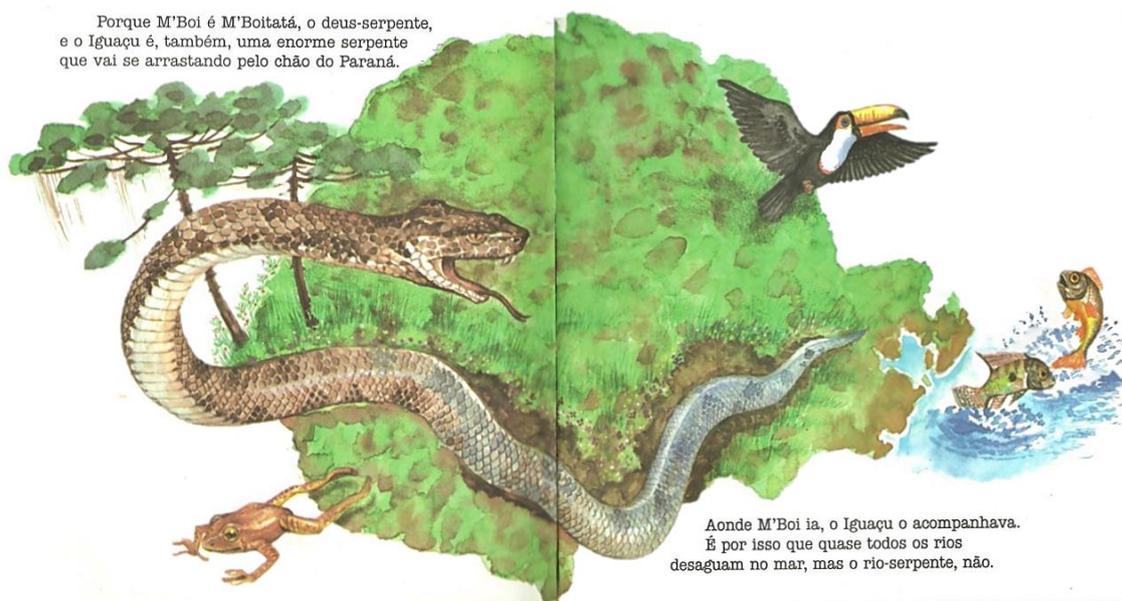
Assim, acreditamos que a lenda das Cataratas do Iguaçu tenha surgido como forma de explicação da formação desse local, envolvendo elementos da religião indígena e de suas crenças espirituais, atrelados à observação da natureza e em suas próprias concepções e visões de mundo, as quais evidenciam um forte laço entre a vida humana e espiritual e a natureza.

Corroborando Mayor (2004) a referida lenda pode ser considerada um geomito, pois podem ser identificados dois tipos de geomitos: aqueles que constituem-se em explicações populares distorcidas de aspectos geológicos e geomorfológicos notáveis da paisagem, cuja observação e imaginação conduziram a explicações míticas e incorporadas ao folclore, testemunhados por grupos humanos em tempos passados e transmitidas oralmente ao longo do tempo; o segundo refere-se a histórias fantásticas baseadas na imaginação ou em equívocos populares, que contam sobre criaturas ou seres humanos que por efeitos mágicos e inexplicáveis se converteram em formas geológicas e geomorfológicas verificadas nas paisagens.

Compreendendo esta lenda como um geomito, em virtude da forma como foi sendo repassada pela linguagem oral, de geração em geração e de pessoa para pessoa, é comum encontrar distintas versões da história, nas quais ocorrem mudanças em certos nomes e em alguns acontecimentos. Pelas distintas versões é possível compreender a essência dessa lenda de origem indígena, será apresentada adiante de forma sucinta.

Segundo Hardy Guedes (2001), nas lendas dos povos Kaingangues que habitavam o Paraná, em especial as regiões próximas ao rio Iguaçu, este associado à figura do deus M'Boi, representado por uma grande serpente que se arrastava pelas terras paranaenses, imitando os movimentos da cobra M'Boi, como observamos pela figura 1.

Figura 1: Ilustração do livro “Naipi e Tarobá – a lenda das Cataratas do Iguaçu”.



Fonte: Guedes (2001). Ilustração: Márcia Széliga (2001).

Segundo a lenda foi o próprio deus M'Boi quem decidiu o traçado do leito do rio, que ao invés de correr em direção ao litoral do Oceano Atlântico, escolheu correr em direção ao interior, buscando alcançar o mar de Xaraés, antigo nome dado ao Pantanal brasileiro por tribos indígenas que habitavam a região. E assim, o rio seguiu com toda a fúria de suas águas escavando a terra e formando seu leito, e pelo que conta a lenda, o rio era cheio de peixes, mas estes pertenciam a M'Boi, o dono do rio, e, desta forma, os índios Kaingang que tinham fome e tentavam pescar não conseguiam e tinham suas canoas viradas e suas vidas perdidas pela força e violência das águas (GUEDES, 2001).

Como forma de resolver este problema, os índios Kaingang teriam feito um acordo com o deus do rio M'Boi. Todos os anos os índios ofereceriam uma cunhã, uma jovem indígena, em oferenda ao deus e em troca estes poderiam pescar e se alimentar dos peixes do rio. Assim, conta-se que durante uma festa na tribo na qual os guerreiros disputariam o amor de Naipi, filha do cacique, Tarobá um valente guerreiro da tribo foi o vencedor da disputa e conquistou o amor da jovem indígena. Mas, durante a festa M'Boi teria sido acordado pelos barulhos e acabou por avistar Naipi e impressionado por sua beleza, o deus do rio pediu que a jovem lhe fosse entregue em oferenda (GUEDES, 2001).

Porém Tarobá não desistiu de seu amor por Naipi, e assim não deixou que esta fosse ofertada ao deus M'Boi, o que fez com que o acordo entre este e os índios Kaingang fosse quebrado. Assim, os Kaingang não podiam mais pescar no rio e quando estavam em suas canoas estas viravam e muitos eram afogados. Desta forma, sofrendo com a fome, os Kaingangues tentaram oferecer outra jovem ao deus

M'Boi mas este não aceitou, e eles continuaram sem poder pescar no rio (GUEDES, 2001).

Sem opção para conseguirem pescar novamente no rio, os índios Kaingang tomam Naipi a força e a levam em oferenda à M'Boi na beira do rio Iguaçu. Tarobá que descobre o destino de Naipi corre para socorrê-la e consegue fugir com Naipi adentrando as matas. Mas o deus M'Boi sai em procura dos dois, com toda a força e violência rasgando a terra, derrubando árvores e alagando as baixadas. Percebendo que não conseguiriam fugir a pé, e não havendo opção, Tarobá e Naipi encontraram uma canoa e remaram o mais rápido que podiam pelo rio Iguaçu, mas logo M'Boi os encontrou e os perseguiu tentando virar a canoa. Mas Tarobá sendo habilidoso conseguiu evitar que a canoa virasse e os dois se afogassem nas águas. (GUEDES, 2001).

Porém como M'Boi tinha o controle sobre o rio Iguaçu, ao ver um grande abismo este ordenou que as águas do rio se jogassem sobre o precipício para afogar Naipi e Tarobá. Assim, ao jogar o Rio Iguaçu sobre o abismo com toda sua força e violência M'Boi escavou a terra e quebrou as pedras e nisso a canoa de Naipi e Tarobá foi arrastada para o precipício e os dois caíram e se perderam nas águas. Tupã outra divindade indígena que viu todo o ocorrido, sem poder ajudar o casal que fugia da ira de M'Boi, transformou Tarobá em uma grande pedra na base das quedas d'água e transformou Naipi na espuma das águas, para que estes pudessem estar sempre próximos. Assim, toda a vez que os dois se encontrassem se formaria um belo arco-íris sobre as Caratas do Iguaçu. Por fim, a lenda conta que o castigo a M'Boi foi que ali o rio Iguaçu encontraria seu fim, e teria de juntar-se às águas do rio Paraná e percorrer um grande caminho em direção ao Oceano Atlântico. Mas conta-se que M'Boi teria abandonado o rio Iguaçu e partido em direção ao Mar de Xaraés (Pantanal brasileiro) e povoado esta região com serpentes gigantes, as chamadas sucuis (GUEDES, 2001).

Essa é uma síntese de uma das versões desta lenda, mas há outras versões, nas quais o desfecho da história é diferente, como pode-se observar pelo seguinte trecho

[...] Tomado pela raiva a grande serpente nadou em direção aos dois, que já estavam quase chegando ao rio Paraná, onde o Deus das águas não tinha permissão para ir.

M'boi percebeu a intenção de Tarobá em fugir pelo rio Paraná. Com fúria levantou seu enorme corpo e mergulhou violentamente rio abaixo. Abriu-se então uma enorme fenda onde os fugitivos desaparecem e as águas formaram assim as Cataratas do Iguaçu.

O grande Deus Tupã furioso com toda essa briga e traições, decidiu castigar os três protagonistas dessa história, transformando então Naipi em uma grande rocha, Tarobá em uma palmeira, e M'boi foi aprisionado para sempre dentro da garganta do diabo. Diz a lenda que se avista a rocha e a palmeira andando pelas trilhas das Cataratas. (COMBO IGUASSU TURISMO, 2019, online).

Mesmo com diferentes desfechos e versões, a análise deste mito sobre a formação das Cataratas do Iguaçu nos apresenta elementos e questões interessantes a serem debatidas e correlacionadas com discussões pertinentes às Geociências. Interessante destacar que na investigação teórica realizada nesta pesquisa, foram encontrados vários trabalhos que abordam esta lenda de origem indígena em processos educativos, sendo a maioria relacionada à área de Língua Portuguesa e de Artes, que trabalham respectivamente o gênero textual das narrativas míticas e



Figura 3 – Painel “A Lenda das Cataratas”, Foz do Iguaçu (PR).



**Disponível em:** <https://www.radioculturafoz.com.br/2018/12/20/painel-de-165-metros%c2%b2-com-a-lenda-das-cataratas-e-inaugurado-na-praca-da-paz/>

E esta obra artística que materializa-se na paisagem local apenas demonstra como os geomitos, e no caso em específico, o mito da formação das Cataratas do Iguaçu, podem fazer parte do imaginário popular bem como da cultura e identidade local. Neste sentido, ressalta-se a importância da preservação e divulgação destas narrativas que resgatam as histórias, tradições e a cultura popular, e que neste caso também resgata e valoriza a cultura indígena, destacando estes saberes, conhecimentos e narrativas construídas pelos povos indígenas que residiam nesta região.

## EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A FORMAÇÃO DAS CATARATAS DO IGUAÇU

As Cataratas do Iguaçu, que “há cerca de 1 a 1,5 milhões de anos” localizavam-se “na foz do rio Iguaçu, junto ao rio Paraná” (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2020, online), hoje localizam-se acerca de 21 quilômetros de distância de sua foz, na fronteira entre Brasil e Argentina, sendo que em seu lado brasileiro encontra-se no município de Foz do Iguaçu, no oeste do estado do Paraná. Destaca-se que essa “mudança” de localização das cataratas deu-se devido à contínua erosão regressiva destas pela força das águas do rio Iguaçu, que fizeram com que, gradativamente, ao longo de milhões de anos, elas fossem regredindo à montante do leito do rio (a uma velocidade média de cerca de 1,4 a 2,1 cm/ano). Enquanto isso, um estreito cânion foi se formando ao longo das falhas e fraturas das rochas, e atualmente possui cerca de 80 a 90 metros de largura e uma altura média de 70 metros, se estendendo desde a parte inferior da Garganta do Diabo até a foz do rio Iguaçu, no encontro com as águas do rio Paraná. (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2020, online).

As cataratas se formaram devido ao desnível entre os leitos dos rios Paraná e Iguaçu, haja vista que, devido a sua maior força erosiva, o rio Paraná acabou por entalhar mais profundamente seu canal em comparação com seus afluentes, levando a formação de quedas d’água na foz destes. Por sua vez, o material de origem das rochas basálticas que compõem as Cataratas do Iguaçu adveio de um dos maiores eventos de derrame de lavas vulcânicas que ocorreu na Terra, entre 120 e 130

milhões de anos atrás, no período Cretáceo, quando, após a fragmentação do supercontinente Pangeia, as placas tectônicas da América do Sul e da África, que formavam o continente Gondwana, junto da Austrália, Índia e Antártida, começaram a se separar. (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2020, online).

Com a separação continental da América do Sul e da África, houve a formação do Oceano Atlântico Sul, e uma das consequências deste processo foi

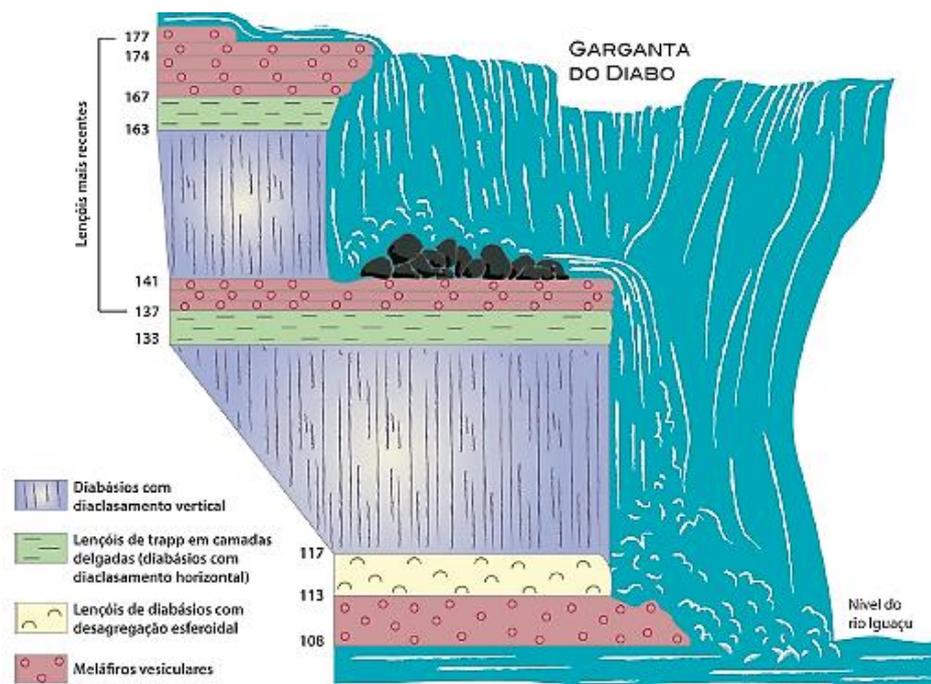
[...] o extravasamento de lavas vulcânicas basálticas e que hoje sustentam e dão forma às Cataratas. Estes basaltos foram originados pela fusão de material preexistente em zonas profundas da crosta terrestre ou abaixo dela e que depois subiram até a superfície através de fraturas de distensão, provocando o derramamento do material vulcânico. Este gigantesco vulcanismo cobriu uma superfície de 1.200.000 km<sup>2</sup>, podendo alcançar 1.500 m de espessura. Foram necessários muitos derrames de lava para atingir esta espessura. Em alguns locais, observa-se a superimposição de mais de cinquenta derrames. (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2020, online).

Todos estes “extensos derrames vulcânicos que ocupam considerável área na Bacia do Paraná” (SALAMUNI *et al*, 2002, p.321), que no estado do Paraná pertencem ao Grupo São Bento e à Formação Serra Geral, possuem, enquanto uma de suas características mais marcantes, os “empilhamentos sucessivos de lavas em regra unidades tabulares individualmente bem definidas.” (SALAMUNI *et al*, 2002, p.314). Aspecto que explica outra peculiaridade das Cataratas e que gera curiosidade em seus visitantes: Por que as Cataratas do Iguaçu são em degraus? É uma das explicações para esta questão é que

A forma das Cataratas em degraus é consequência da estrutura dos derrames de basalto. As imagens mostram a existência de três derrames na área das Cataratas, sendo que o contato entre os derrames superior e intermediário criou uma subdivisão nítida nos saltos, formando um patamar constituído pela parte superior do derrame intermediário. É nos contatos entre os derrames que a erosão atua mais efetivamente, fazendo com que a ação das águas crie reentrâncias neste nível. Acima deste contato encontram-se os basaltos maciços colunares do derrame superior, os quais vão desabando à medida que progride a reentrância. O topo do derrame intermediário, constituído de brecha basáltica ou basalto vesicular pouco fraturado, forma uma plataforma plana e mais resistente à erosão. É sobre esta plataforma que desabam e se acumulam os detritos das colunas do derrame superior. A queda que se forma nos basaltos colunares mantêm-se na vertical, sendo esta uma das características peculiares e conhecidas das cachoeiras em rochas basálticas. (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2020, online).

Na figura 4 é possível observar um esquema ilustrativo dos diversos derrames basálticos que constituem as Cataratas do Iguaçu e que deram origem aos seus degraus.

Figura 4 – Esquema geológico das Cataratas do Iguazu.



Disponível em: <https://igeologico.com.br/cataratas-do-iguacu-formacao-geologica-e-curiosidades/>

Ainda de acordo com Salamuni *et al* (2002), os eventos e os processos geológicos responsáveis pela formação do arcabouço litológico das Cataratas do Iguazu explicam, em parte, as feições geomorfológicas que são encontradas no Parque Nacional do Iguazu. Mas não podemos deixar de considerar o papel das condições climáticas, que, durante o período Quaternário, tiveram atuação marcante e contribuíram para o desenvolvimento destas feições. Sendo que a feição geomorfológica mais importante do Parque Nacional do Iguazu são as Cataratas do Iguazu, as quais, de acordo com Salamuni *et al*, 2002, p.317

[...] Trata-se de um conjunto de 275 quedas com altura média de 75 m, permitindo a vazão média de 1800 m<sup>3</sup>/s. Ocupam um semi-círculo de aproximadamente 2700 m de largura e estão situadas no extremo oeste do Parque [...] O salto de maior expressão e beleza cênica é denominado de Garganta do Diabo, com 90 m de altura. O rio Iguazu, no trecho que limita o PNI, começa com altitude de 205m, chegando até os 170 m no início do Salto Santa Maria e despencando até a altitude de 90m na base das corredeiras, onde forma um forte *canyon* e pequenas praias areno-siltosas.

Como é evidenciado, uma série de eventos e de processos de ordem geológica, geomorfológica, climática e hidrológica atuaram de forma integrada para resultar na bela e instigante paisagem das Cataratas do Iguazu, que atrai milhões de turistas anualmente. Esta conta com um grande potencial científico, educativo e cultural, o qual ainda pode ser melhor trabalhado junto à sociedade, sobretudo pela Geociências.

## DIÁLOGOS ENTRE OS SABERES MÍTICO E CIENTÍFICO E OS DISTINTOS OLHARES SOBRE O GEOPATRIMÔNIO

Ao mesmo tempo em que geram fascínio por seu valor estético e sua beleza cênica, sendo reconhecidas enquanto patrimônio natural da humanidade desde 1986 pela UNESCO (SALAMUNI *et al*, 2002), as Cataratas do Rio Iguaçu apresentam um forte valor científico, o que se explica pelas características únicas e excepcionais de sua composição e formação. Essas características revelam a dinâmica da natureza geológica, geomorfológica e hidrológica local, que resultou neste exemplo de geopatrimônio, conceito que, segundo Bento *et al.* (2017, p.659), refere-se a “uma categoria temática dentro do contexto amplo do Patrimônio Paisagístico e pode ser considerado um conceito guarda-chuva que engloba como patrimônio todos os elementos abióticos da natureza dotados de algum tipo de valor”, englobando, dessa forma, o patrimônio geológico, geomorfológico, mineralógico, pedológico, paleontológico, entre outros.

Além de seu valor científico, identificamos um interessante valor cultural associado a estas cataratas, uma vez que estão presentes no imaginário social da população local, gerando um sentimento de pertencimento e de identidade dos sujeitos para com a paisagem e seu patrimônio natural. Para Mochiutti, Guimarães e Melo (2011, p.655) “Algumas paisagens representam uma referência de determinado local. Um cenário pouco comum, específico de uma área, ou que se repita tanto que acabe constituindo uma “marca registrada” da mesma”. Neste sentido, o valor cultural relacionado às Cataratas do Iguaçu também se apresenta nos mitos e nas lendas de origem indígena que são atribuídos à formação deste local, pois estas histórias revelam, segundo Mochiutti, Guimarães e Melo (2011, p.653), as

[...] inúmeras relações que existem entre a sociedade e o mundo natural que a rodeia, no qual ela está inserida e ao qual ela pertence. Existem íntimas relações entre elementos da geodiversidade e as comunidades humanas, sejam no processo de ocupação de determinada região, no uso destes elementos para a sua sobrevivência e desenvolvimento, na toponímia dos lugares, na influência sobre o folclore, a religiosidade e a identidade destas populações.

Corroborando esta ideia Guimarães e Liccardo (2014, p.24) evidenciam que os

Elementos da geodiversidade componentes de paisagens naturais frequentemente povoam o imaginário popular, conduzindo a significados de ordem religiosa, folclórica ou inspirando diferentes manifestações culturais e artísticas (lendas, canções, pinturas, poemas etc.), em especial o sentimento de pertencimento a um local específico.

Observando estas questões, compreendemos que as Cataratas do Iguaçu são um exemplo do geopatrimônio, devido aos diversos valores a elas atribuídos, entre estes: os valores intrínseco, estético, cultural, educativo e científico, Estes são abordados por Gray (2004) ao tratar sobre a geodiversidade enquanto “A extensão natural da diversidade geológica (rochas, minerais, fósseis), geomorfológica (formas

de relevo, processos) e do solo. Inclui suas coleções, relações, propriedades, interpretações e sistemas" (GRAY, 2004, p. 8, tradução nossa).

Neste sentido, consideramos também que os distintos olhares sobre o geopatrimônio das Cataratas do Iguaçu, aqui apresentadas na visão mítica e na visão científica, permitem a construção de novas formas de explicar os fenômenos e os processos naturais presentes na realidade, pois entendemos que estas distintas visões e saberes podem dialogar entre si e se complementar, possibilitando, assim, uma compreensão mais holística da realidade e uma resignificação da relação sociedade-natureza. Desta forma, destacamos alguns pontos de diálogo entre a narrativa mítica da lenda indígena das Cataratas do Iguaçu e as explicações científicas sobre os fenômenos e os processos naturais relacionados a sua formação.

O primeiro ponto diz respeito ao fato de o rio Iguaçu ser um rio que corre para o interior do continente. Pela lenda, temos a explicação de que o rio Iguaçu corre nesta direção, pois este estaria sob o comando do deus das águas M'Boi, representado pela figura de uma cobra, o qual tem como objetivo encontrar o Mar de Xaraés (Pantanal brasileiro), por isso ele teria feito o rio correr em direção ao interior do continente e não em direção ao Oceano Atlântico. Outro aspecto ressaltado pela lenda é que o leito do rio teria sua forma parecida com o movimento de uma serpente, cheio de curvas.

Estes dois aspectos trazidos pelo mito das Cataratas do Iguaçu revelam que, a partir da observação empírica, os povos indígenas teriam, à sua própria maneira, correlacionado a observação da realidade com aspectos de sua religião e, assim, interpretado dois fenômenos que hoje são explicados pela ciência. O primeiro deles, o porquê de o rio Iguaçu correr para o interior do continente, explica-se pelo fato de que após a separação das placas tectônicas da América do Sul e da África e a formação do Oceano Atlântico, a porção leste do Brasil

[...] passou a subir lentamente devido aos movimentos tectônicos ascensionais, causados pela separação continental e a evolução da Cordilheira dos Andes. Foi este evento, desenvolvido durante o fim do Cretáceo e o Terciário, que elevou o leste paranaense, fazendo com que os rios corram para o interior do continente. (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2020, online).

Já o segundo, relacionado ao formato do traçado do leito do rio Iguaçu, explica-se pela condição geomorfológica e geológica dos locais pelos quais este rio corre ao longo de seus 910 km de extensão, e também pela ação dos processos erosivos que levaram a formação de meandros, com curvas que contornam as áreas mais elevadas do relevo. Assim, muitas vezes estes meandros podem se parecer com o sinuoso movimento de serpentes.

Outro aspecto tratado pela narrativa mítica e que é explicado pela ciência, refere-se à formação das próprias cataratas e do cânion que segue logo abaixo destas. Pela lenda, as cataratas teriam surgido pela fúria do deus M'Boi, que, ao lançar as águas do rio Iguaçu sobre um abismo, teria escavado ainda mais o terreno e criado as cataratas e o cânion. Já a explicação científica ressalta a ação erosiva das águas do rio Iguaçu sobre os sucessivos derrames basálticos encontrados na região, o que levou a formação das várias quedas d'água em forma de degrau e do cânion que se estabeleceu sobre as falhas geológicas. Neste sentido, apesar destas duas visões trazerem explicações distintas a um mesmo fenômeno da natureza, não se pode negar que em ambas as explicações a ação das águas fluviais sobre as rochas desempenhou um papel preponderante na formação das Cataratas do Iguaçu.

A partir destes pontos é possível notar o quanto ricas podem ser as discussões que dialogam os saberes e os conhecimentos populares e científicos na construção de explicações e de visões de mundo, as quais buscam atender a complexidade da realidade, dando espaço aos distintos olhares sobre a natureza e o geopatrimônio de forma complementar e elucidativa. Portanto, não se trata de abandonar uma explicação em prol de outra, mas de assumir que a ciência nos permite compreender os fatos e os fenômenos a partir de uma visão baseada em métodos, que possibilitam a compreensão da realidade como ela é, enquanto os saberes populares, os mitos e as lendas, que compõem a cultura e o imaginário social, retratam as diferentes formas de apreensão humana da natureza e dos fenômenos verificados na realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa foi possível alcançar a compreensão de que a associação entre as narrativas populares dos geomitos e as explicações científicas apresenta grande potencial a ser explorado em pesquisas e investigações futuras. Apesar dos geomitos e da geomitologia não serem temas recentes, estes ainda contam com poucas pesquisas e trabalhos publicados, sobretudo no Brasil. Por outro lado, a diversidade de mitos e de lendas que possuem ligação direta e indireta com eventos e processos naturais de aspecto geológico e geomorfológico é ampla, e representa um enorme potencial a ser estudado. Um exemplo é o caso analisado nesta pesquisa, o mito das Cataratas do Iguaçu, que é instigante e abre diversas possibilidades de diálogo entre os elementos de sua narrativa fictícia e as explicações científicas apresentadas pelos conhecimentos produzidos pelas Geociências.

Destacamos que o diálogo dos saberes populares - construídos, repassados ao longo do tempo e incorporados à cultura e ao imaginário social - com os saberes científicos - construídos a partir da investigação dos fenômenos e dos processos verificados na natureza, apresenta-se enquanto um processo que julgamos necessário. Através disso, é possível construir uma visão holística da realidade e da natureza abiótica, que abarque suas diversas dimensões, valores e formas de representação e de apreensão, conciliando as interpretações apresentadas pelos saberes populares e científicos.

Por fim, buscamos demonstrar que, para construir esta visão holística da geodiversidade e do geopatrimônio, não é preciso abandonar uma visão em detrimento de outra, porém é necessário saber discernir as potencialidades e as limitações de cada uma destas visões, e encontrar pontos de conexão que possibilitem a integração e a ampliação dos conhecimentos e dos saberes, de forma que estes nos possibilitem repensar nossa relação com a natureza e como a tratamos e a compreendemos.

## AGRADECIMENTO

Agradeço ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) pela bolsa concedida por meio do Programa de Educação Tutorial (PET) – PET Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), a qual possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa e das demais atividades de ensino, pesquisa e extensão.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Lilian Carla Moreira; BRITO, Adriana Lacerda de; SEVERINO, Emmeline Aparecida Silva; SILVA JUNIOR, Isley Borges da; LISBOA, Roberta; ANDRADE, Virgínia Corrêa Santos de. Metodologias de avaliação do patrimônio geomorfológico com vistas ao seu aproveitamento geoturístico – um estudo aplicado às quedas d'água do município de Indianópolis (Minas Gerais – Brasil). **Revista Brasileira de Geomorfologia**. v.18, n°3, 2017. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.20502/www.ugb.org.br\\_rbg.v18i3.1176](http://dx.doi.org/10.20502/www.ugb.org.br_rbg.v18i3.1176). Acesso em: 24 jan. 2021.

COMBO IGUASSU TURISMO. (Paraná) **Lenda das Cataratas do Iguazu sobre Naipi e Tarobá**. 2019. Disponível em: <https://www.comboiguassu.com.br/blog-em-foz-do-iguacu/lenda-cataratas-iguacu-naipi-taroba>. Acesso em: 22 jan. 2021.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira. Tempestades, terremotos, vulcões e a geomitologia. **Comciência**: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Campinas, v. 1, n. 117, p. 1-3, 10 abr. 2010. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000300007&lng=es&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000300007&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 12 jan. 2021.

GRAY, Murray. **Geodiversity**: valuing and conserving abiotic nature. Londres: John Wiley and Sons. 2004.

GUEDES, Hardy. **Naipi e Tarobá**: a lenda das cataratas do iguaçu. 3. ed. Curitiba: HGF, 2001. (Coleção Lendas Paranaenses). Ilustração: Márcia Széliga. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/stellasorg/lenda-cataratas-do-iguau-hardyguedes>. Acesso em: 22 jan. 2021.

GUIMARÃES, Gilson Burigo; LICCARDO, Antonio. Geodiversidade, patrimônio geológico e educação. In: LICCARDO, Antonio; GUIMARÃES, Gilson Burigo. **Geodiversidade na Educação**. (Org.) Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2014, p.21-26.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. Secretaria do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo. **Geoturismo e Geoconservação**: Parque Nacional do Iguazu. Parque Nacional do Iguazu. 2020. Disponível em: <http://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Geoturismo-e-Geoconservacao#>. Acesso em: 24 jan. 2021.

MAYOR, Adrienne. Geomythology. In: SELLEY, Richard; COCKS, Robin; PALMER, Ian. (Ed.) **Enclopedia of Geology**, Forthcoming, Elsevier, 2004.

MESQUITA, Maria José Maluf de; PICANÇO, Jefferson de Lima; BESSER, Marcell Leonard; RIBEIRO, José Carlos; DMETERKO, Heloisa; SILVA, Angela Lucia da; CRUZ, Giovana Marques da; ACORDES, Fabiane Aline; RIBEIRO, Patrícia Ruth; HAMERSCMIDT, Tatiane; MORAIS, José Eduardo Francisco; BERTON, Fábio; MATTOS, Rafael França de; SCHEMIKO, Danielle Cristina Buzatto. A experiência da oficina “Do mito à natureza: educar o olhar para as ciências da Terra” no festival de inverno de Antonina (PR). **Terrae Didactica**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 104-116, 29 jun. 2015. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637433>. Acesso em: 24 jan. 2021.

MOCHIUTTI, Nair Fernanda; GUIMARÃES, Gilson Burigo; MELO, Mario Sérgio de. Os valores da geodiversidade na região de Piraí da Serra, Paraná. **Geociências**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 651-668, 2011.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geomitologia: era uma vez... na história da terra. **Revista Sentidos da Cultura**, Belém, v. 2, n. 2, p. 22-42, jan-jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/596>. Acesso em: 26 jan. 2021.

QUADRA, Dante. **Painel de 165 metros<sup>2</sup> com “A lenda das Cataratas” é inaugurado na Praça da Paz**. Foz do Iguaçu, 2018. Site Rádio Cultura Foz. Disponível em: <https://www.radioculturafoz.com.br/2018/12/20/painel-de-165-metros%c2%b2-com-a-lenda-das-cataratas-e-inaugurado-na-praca-da-paz/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SANTOS, Ellen Vieira dos. **O esbulho da territorialidade Kaingang no Paraná e a política indigenista do serviço de proteção aos índios (SPI)**. 2016. 100 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/1252;jsessionid=91B469DC68E8AEE8B39D5CE890A3B714>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SALAMUNI, Riad; SALAMUNI, Eduardo; ROCHA, Luiz Antonio; ROCHA, Ana Lizete. O Parque Nacional do Iguaçu. *In*: SCHOBENHAUS, Carlos; CAMPOS, Diogenes de Almeida; QUEIROZ, Emanuel Teixeira; WINGE, Manfredo; BERBERT-BORN, Mylène. (Edit.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. 2002. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/sitio011/sitio011.htm> Acesso em: 24 jan. 2021.

SESC PARANÁ. **Coletânea Entre Lendas - 2ª edição**. 2019. Concurso de Cartões-postais. Disponível em: [https://www.sescpr.com.br/wp-content/uploads/2019/03/EntrelendasPR\\_2edi%C3%A7%C3%A3o\\_postais\\_web-2.pdf](https://www.sescpr.com.br/wp-content/uploads/2019/03/EntrelendasPR_2edi%C3%A7%C3%A3o_postais_web-2.pdf). Acesso em: 24 jan. 2021.

VITALIANO, Dorothy. **Legends of the Earth: their geologic origins**. Bloomington, 1973. Indiana University Press. 305 p.